ANO IV — N.º 186 Guimarães, 17 de Abril de 1924 2.ª Serie — Numero 63

GIL VICENTE

Semanario monarquico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104

VISITAÇÃO
Pardiez! siete arrepelones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VAQUEIRO

Director — *D. José Ferrão*
Editor — *M. A. d'Oliveira*
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARAES

NO PRETORIO

Tremendas haviam sido nesse dia as fadigas e as amarguras do Senhor. Tantas e tão grandes que, agora, no vasto terraço de onde o pretor romano administrava a justiça, a cabeça lhe pendia sobre o peito, resignada e dolorosa. O Justo dos justos vendido pela traição de um discipulo despeitado e perfido, o Filho de Deus abandonado pelos proprios que salvára, protegêra e amára, o filho de David aclamado pelas multidões e que Jerusalém acolhera em apotéose entre palmas e perfumes—deante da figura severa e magestosa de Pilatos era já como um espinho eterno de remorso cravado para sempre na mais monstruosa das ingratidões humanas. Entre legionarios de lança curta e capacetes de coiro sujo, entre os insultos da plebe e a raivosa indignação dos altos sacerdotes—Jesus passára o dia palmilhando as ruas da cidade perdida, e os seus passos de martir sublime perdiam-se entre a injustiça e a iniquidade, e os seus ouvidos só ouviam as imprecações furiosas da velha ordem ameaçada, os gritos descompostos da magistratura autocratica, as vans palavras, empoladas e vasias como ôdres, dos fanaticos defensôres da lei antiga. Grandes inimigos, poderosos, astutos, odientos, se tinham levantado contra o doce, contra o meigo Jesus. Melhor do que os humildes, os miseraveis, os tristes, os aleijados a quem as suas parabolas e os seus milagres levaram a suavidade de um balsamo e a frescura de uma brisa aromatica de Primavera, os ricos, os soberbos, os donos da Lei, os avarentos que amarravam o seu Deus num templo para seu exclusivo goso e proveito, compreendiam e receiavam esses discursos de cristalino encanto com que o Senhor alagava as almas de esperança e incendiava os corações de uma fé muito nova e muito pura. A superstição, a idolatria, os sacrificios monstruosos, os preconceitos, a soberba, a ansia de riquezas—todas as fataes inclinações dos apetites espicaçados pela ociosidade e pela ambição, todas as brutalidades e injustiças com que o tempo e a maldade haviam ensaburrado as almas, cobrindo a Lei de uma crósta imunda de orgulho e de pecado a tudo Jesus condenara nas suas falas mansas á beira de lagos mansos, pelas tardes calmas, ou á sombra de tristes e pacificas oliveiras quando o sól caia desapiedado e de fogo sobre as seáras fartas ou sentado no muro de um poço á hora fresca em que as águas corriam a regar as hortas, e aves e águas cantavam na terra, e nos ares na sua voz de um infinito carinho, de uma ternura consoladora e jámais ouvida. Grande seria o ódio dos maus e dos soberbos contra Jesus, porque a sua palavra era toda Amor, Justiça, Bondade, Perdão. Mas só quando a cólera do Filho de Deus reboou como um trovão nos atrios do templo contra a sordida traficancia dos vendilhões, só quando a sua palavra, mais que o azorrague, fustigou até ao sangue as almas pôdres da classe rapinante que confundia a casa de Jeovah com os mercados vis que já não bastavam ao absorvente poderio do Bezerro de Oiro—só então os protestos, os gritos desesperados se ergueram temerosos contra o Justo que ousava ferir os interesses sagrados da casta previligiada. Pôdre de todas as podridões, o povo de Israel não abominava a dominação romana, nem se revoltava contra a abjecção dos seus costumes, nem procurava remediar a miseria que lhe despovoava os campos, outrora ferteis e felizes de terra farta da promissão. Uma ganancia exacerbada, um mercantilismo contagioso que da miseria vivia e á sua custa prosperava, arruinava e esterilisava as terras, endurecia e cerrava as almas á piedade e ao amor para com o proximo. Fôra contra a cáfila avarenta e gananciosa dos mercadores que Jesus vibrára o ultimo golpe no velho mundo biblico decrépito e corrupto; e esse golpe, arrazando as civilisações e aluindo mesmo os imperios florescentes, trazia, na agonia do Redentor, a esperança de um mundo novo em que Deus fosse para todos os homens de todas as raças e todas as linguas como um grande sól de misericordia e de amor que tudo iluminasse de verdadeira luz. Não pensava assim o sindicato sacerdotal do templo, que aferrolhára com sete chaves um Deus estreitamente judaico, mas não foi o despeito ou o zelo dos sacerdotes que arrastaram o meigo Nazareno pelas ruas da cidade perdida, entre legionarios e insultos: Jesus foi crucificado porque chicoteou os homens do negocio, porque prégou o desprezo dos bens da terra e condenou todas as riquezas mal adquiridas e mal empregadas.

Por isso, quando findos os interrogatorios o magistrado romano, enervado já das imposições e ameaças do patriciado judaico, tentou apelar, á moda romana, para o veridictum extremo da plébe, não era uma grande multidão, um ajuntamento magno de povo generoso ou ruim que ele ia consultar; era o interesse, era a alma traficante e rapinante da raça semitica que ia dictar, soberba e inexoravel, com a morte de um Deus, a sentença da sua propria ruina. Mais alto do que a fé antiga, clamava vingança a magestade do Bezerro adorado, que já avançava, seguro do triunfo, os primeiros escadórios imponentes do templo erguido ao Deus de Moisés, de Abrahão, de Israel e Jacob, e que Jesús expulsára num momento de sagrada indignação contra o sacrilégio monstruoso. Em frente ao Pretório, emquanto a multidão ulula e silva imprecações e sarcasmos, Jesus è já como o divino reflexo da eternidade; a sua figura tem a serenidade maguada de uma nova idade que surge para um melhor destino; a sua cabeça e os seus hombros descáem como se no cair do dia lhe tombasse ás costas, com a Cruz que o espera, o peso do mundo resgatado. Poncio Pilatos, representante sceptico da justiça comodista e céga da Roma victoriosa, é dobrado como um vime ás mãos poderosas dos senhores do oiro. Todavia, no seu espirito de pagão, utilitario mas tocado pela filosofia espiritualista dos gregos, uma duvida fica ainda a arrepanhar-lhe a consciencia, ao fundo da qual nunca poderia descer o seu escrupulo legalista. Em face da Lei judaica, talvez que Jesus fosse culpado. Sê-lo-ia, porem, á face da Justiça absoluta?

Abdicou então da propria individualidade; discipulo dos Catões e dos Brutos democraticos, confiou á desvairada razão das multidões a confirmação ou a revogação da sentença condenatoria. Era pela Pascoa: o povo tinha o direito de absorver por sua vontade um dos candidatos á pena ultima. Barrabás, um salteador temivel, assassino e ladrão, de quem só o nome infundia pavôr, era um dos escolhidos para o perdão do grande dia. Pilatos propunha á magnanimidade popular o nome de um outro condenado. O povo que escolhesse; Jesus, ou Barrabás? A cáfila avarenta e ladraváz agitou-se, refluiu como num grande esforço de calculada concentração, os corpos rolaram depois em ondas contra o muro polido do terraço, e, como o quebrar de uma onda gigantesca, uma grande voz se fêz ouvir, clamorosa e vingativa: Barrabás! Como um éco mais fórte que ao longe repete o som da vaga quebrada, a ganancia judaica clamou de novo:—Barrabás! Barrabás! A vaga do ódio alastrou. Fez-se cheia, fez-se inundação. Com mais estrondo que um trovão, reboando espantos e maldições nas concavas fragosidades da serrania nua, a raça dos ladrões atroou a terra e os ceus com o grito raivoso da iniquidade e do crime; com redobrada furia berrou ainda:—Barrabás! Barrabás! Barrabás! Jesus tomou a sua Cruz, e caminhou para o Calvario...

***

A orgulhosa Sião foi arrazada, e o seu povo, deicida e ladrão, foi disperso pelo mundo, condenado a um perpetuo exilio, á vagabundagem eterna. E por onde ela acampou, pelos caminhos ágros da sua milenária expiação, por onde passou a raça sem Patria, erratica e perdida—um rasto inapagavel de rapina ficou a assignalar-lhe a passagem, um fundo sulco de traficancia foi deixado nas almas, nos costumes e nas leis; manchas de sangue e altas labaredas purificadôras, vicios e supestições, messianismos, e corrupção, e hipocrisia. O povo que adorou o Bezerro de Oiro, e que pelo oiro deu morte infamante ao Filho de Deus, vingou-se do desprezo do mundo e das precauções da sociedade cristã, contaminando a cristandade e o mundo das suas torpezas ancestraes. Por isso os povos foram descaindo na miseravel degradação que levou á ruina a soberba Jerusalém. Os seus costumes sordidos, a sua abjecta cubiça, a ambição desmedida, o amor ao luxo e á devassidão, a febre do lucro, o delirio do poder, todas as chagas da vida antiga augmentadas agora pelo culto universal do progresso, andam disseminadas pela vida social, politica e até religiosa dos tempos modernos. Sião vingou-se; Sião semeia a discordia no seio mal precavido dos povos; Sião fomenta revoltas, desencadeia guerras, mobilisa o dinheiro, espalha calunias, derruba tronos, desorganisa o trabalho, provoca as fómes e desemfreia os instinctos; Sião domina, da Bolsa, o mercantilismo universal. As nações arruinam-se, os povos desvairam. Os agiotas, os banqueiros, os salteadôres traficantes da producção cristã, já lavraram, no templo judaico da finança internacional, a sentença do cristianismo e da civilisação: querem de novo crucificar o doce Jesus, querem amarrar a cristandade inteira ao seu poder e crucificá-la na infamissima cruz do seu oiro. E dir-se ia que os povos e as nações--nestas vesperas tristes e incertas da Semana Santa—esqueceram a tragedia sacratissima e redentora do Calvario. No Pretório se encontra hoje a cristandade. Pilatos é hoje a sciencia vária e instavel que os homens amoldam ás suas ambições ou aos seus apetites; os judeus são os mesmos de sempre: aclamaram hontem a Ideia que surgia do limbo do esquecimento, cheia de Cristo, iluminada de esperança; hoje cospem e apedrejam os principios politicos e economicos que são a Luz, a Verdade e a Vida das sociedades sans. Os grandes sacerdotes do dinheiro, os fariseus do mercantilismo, açulam contra a Ideia os escravos da exploração industrial e capitalista. Em vão o Pilatos balôfo dos tempos democraticos sente um rebate de consciencia que fugazmente lhe revela a verdadeira Justiça no fundo sombrio da alma. E'a multidão que decide; é o povo, dirigido e pervertido pelos ladrões das sinagogas, quem escolhe:—Cristo ou Barrabás? E a plebe responde, crispando os punhos contra o simbolo do Amor e do Perdão; a plebe uiva o nome que os rapinantes lhe ensinaram, um nome de assassino e de ladrão, que acorda nas almas ansias barbaras de desforra e cujas silabas sabem a sangue e a deboche:—Barrabás! A burguesia gosa do alto palanque das suas comodidades. No cinema, no teatro, no livro, no jornal, na dança e na musica, a burguesia canta ao som do batuque infernal; leu a palavra e decorou-a, saboreia o ineditismo exótico do nome execrando; e, saracoteando as nádegas, acompanha em côro a musica pele-vermelha dos «fox-trots»;—Barrabás! Barrabás!... Nos templos modernos do dinheiro, a alta finança faz telintar o oiro arrancado ao trabalho cristão pelo sistema judeo-democratico da livre-concorrencia. E o oiro caindo sobre as pedras polidas de marmore, tem gemidos de goso, e suspiros consolados de posse, e ensaia em surdina o hino que hade fazer erguer as muralhas e o templo da nova Sião. O oiro canta, canta a confirmação da maldade, como ha dois mil anos, como sempre:—Barrabás! Barrabás! Barrabás!

CESAR A. DE OLIVEIRA

ANTOLOGIA

Jesus no Horto

A's portas do Calvario, a morte em frente,
Jesus—o Deus eterno das Alturas—
Foge, um instante, ás outras creaturas:
Sósinho, orou, cruel e longamente.

Senhor do Céu, da Terra e Inferno ardente,
Para beber seu cális de amarguras,
Buscou Silencio e Alma, entre as escuras
Ramas dum vale, humilde e penitente:

Não procurou montanhas deslumbrantes,
Soberba e pompa de arvores gigantes:
Não quiz a gloria, ás horas derradeiras.

Jesus, o bom Jesus de olhar profundo,
Para chorar, para dar luz ao mundo,
Buscou a sombra e a paz das oliveiras!

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Tapeçarias Artisticas
DA PONTE DA PEDRA
Em exposição na **Sociedade Martins Sarmento**

Tem tradição a manufactura das tapeçarias portuguesas —embora, outrora, limitada e pobre como valor industrial. O seu veio originario prende-se á epoca das conquistas e navegações — á idade de oiro da nossa historia . . Arraiolos ficou sendo uma afirmação dessa tradição.

Manufactura tam rica e tam punjante de arte ornamental, não admira que os castelos e palacios senhoriais lhe devotassem predilecções e, algumas vezes, um protectorado industrial. Entre nós, mal aproveitada a genese creadora e as admiraveis aptidões artisticas do genio popular, a manufactura das tapeçarias não havia de passar dum murmurio de graça artistica nas mãos do povo sem escola. Igual sorte acompanhava a industria domestica das rendas e dos linhos; a industria da ceramica, dos damascos e tantas outras. Não nos faltando, porem, —Deus louvado!—cavaleiros andantes que ainda se batam por amor ás belas artes, a manufactura das tapeçarias soergue-se, caminha ao leva a riba da tradição nacional, gerada e mantida no seio obscuro e anonimo da grei.

E se è certo que a devoção pelas coisas portuguesas não afronta a gloria das faustosas tapeçarias de Arras nem o deslumbre aveludado dos tapetes de Smyrna, não deixa, contudo, de se observar que uma concepção perfeita do trabalho e uma utilisação consciente dos valores nacionais vai fazendo dessa arte sumptuaria das tapeçarias uma industria de notaveis recursos artisticos que, sem desdouros nem amesquinhamentos, nos vai bastando.

* * *

Tal é o fulcro eminentemente nacional que se patenteia visitando na Sociedade M. Sarmento a exposição das tapeçarias artisticas da Ponte da Pedra. Não há ali bizantinismos nem anemia de arte.

Se ali se observam copiados alguns modelos de importação, tal facto não é senão o testemunho dum seleccionado bom gosto e a afirmação eloquente de que as producões do genio artistico são, acima de tudo, um patrimonio comum. Mas, dentre as tapeçarias de estilo oriental, imperio, etc, lá surgem num superior destaque os motivos de arte puramente nacionais, o que consola observar-se.

Não é certamente a primeira manifestação de renascimento que se vê tentar na manufactura dos tapetes portugeses. Beiriz fez tambem da velha, da humilde manta de agasalhar pobres, uma manufactura sumptuaria. Simplesmente a tapeçaria que agora se expõe entre nós não tem simile de confronto — porque é caracterisamente uma creação. Para mais, e, para melhor, alimenta-se esta manufactura na abençoada preocupação de, como já acentuamos, se inspirar de preferencia nos fundos e dispersos motivos de arte regional—sentido estetico dum psiquismo tam emocional e tam sugestivo que, coordenalo e adapta-lo, até nos parece obra de patriotismo.

¿ Pois não será louvavel, não será inteligente fazer rejuvesnecer, reflorir num sensato e proficuo amor á nossa terra lusiada, os ainda não por demais estilisados motivos da arte portuguêsa?...

* * *

A primeira coisa que nesta exposição se nos depara é o ritmo, é a harmonia das côres; seguidamente prende-nos a atenção os desenhos, os motivos decorativos; em ultimo lugar, olha-se naturalmente o trabalho, a contestura. E tudo impressiona bem.

E então que pensamos que não é sem razão que se vê á frente desta industria, como seu director artistico, um pintor. E' logico. Em todos os tempos se viram pintores devotando carinhos de genio á confecção das tapeçarias artisticas. O pintor Julio Pina tomando a si a direcção artistica da interessante industria, não fez senão dar-se a uma das multiplas modalidades da sua arte. A produção textil dos seus desenhos, é a esteriorisação do seu proprio fulgor artistico.

Quem vai ao salão nobre da S. M. Sarmento e admira o relevo pictural das carpetes armoriadas, historiadas, onde há estilisações de figuras e de ornatos duma beleza tam emotiva *e tam nossa*, doi-lhe a ideia de que producões tam lindas hajam de sofrer a injuria de que lhes passem com os pés por cima, quando mais parecem haver sido creadas para engalanar paredes, para deleite espiritual da nossa vista

Se bem que—ele há pés tam alados, tam pequeninos!...

Resta que felicitemos o impulsionador desta manufactura, o pintor sr. Julio Pina, pois ao passo que triunfa na corrente fecundadora progressiva de forte industrialismo que nos domina, abre novos sulcos ao trabalho nacional, fazendo simultaneamente a germinal da Arte —*a eterna flôr da vida!*

A. L. DE CARVALHO

É digna de vêr-se e de observar-se, cuidadosamente, esta exposição de tapetes, industria nacional que atingiu uma perfeição marcante e defenida, e que por isso mesmo honra sobremaneira a terra que a criou e desenvolveu e os artistas que lhe deram uma feição acentuada de equilibrio de desenho, de tecnica, de combinação de côres e de pureza de traços.

As côres são vivas, são firmes; o desenho, é seguro, impecavel.

É uma documentação artistica que revela evolução, e que mostrando a nossos olhos uma beleza de encanto em todo o conjunto dum tapete, quer ele

Julio Pina

seja Oriental, Imperio, Arraiolos ou mesmo afirmadamente regional na leveza do assunto, fáz-nos reconhecer que ali, num pequeno campo de tapete, ha muita afirmação de talento, ha muito gôsto de artista, e ha sobretudo muita vontade e muito trabalho em acção, parcelas de fôrça que levam ao equilibrio e ao triunfo. Não se pode produsir melhor.

Para o pintor sr. Julio Pina vai a nossa admiração, rasgada de elogio e de franqueza, porque gostamos muito dos tapetes expostos.

A sua industria, assim com tanta afirmação revelada, triunfará necessariamente e sem favor.

Que todos os vimaranenses a visitem, porque reconhecerão, assim, e de perto, que o que dizemos é uma expressão bem sentida de gosto e de verdade.

A. B.

A exposição está aberta das 11 ás 5 da tarde encerrando no dia 27 do corrente.

"O Liberal,,

Completou 30 anos de existencia êste nosso presado colega da Povoa de Varzim.

Semanario independente, usando por lêma a—Liberdade e Direito: Civilização e Fé —*tem êste nosso presado colega defendido com o maior ardor as aspirações e interesses da linda praia.*

Cumprimentando todo o seu ilustre corpo redactorial, desejamos ao nosso presado colega as maiores felecidades e venturas.

Orfeão de Guimarães

Constituiu mais um triunfo para o nosso orfeão a recita que, no passado domingo, êste excelente grupo coral promoveu no teatro da visinha vila de Fafe.

Assim o esperavamos, pois o nosso orfeão é, sem duvida alguma e sem ilogios injustificados, um dos melhores do país, o que constitue para nós, nacidos nesta linda terra, o nosso maior orgulho.

Ao seu dignissimo regente e nosso presado amigo snr. tenente Ribeiro Dantas e a todo o excelente corpo coral, as nossas saudações muito sinceras.

Procissão de Passos

Magestosa como sempre, a Procissão de Passos realisada no domingo ultimo foi uma grando manifestação de fé e de piedade cristãs edificando os milhares de pessoas que precencearam o grandioso prestito.

A veneranda Imagem do Senhor recebeu nesse dia o culto fervoroso de grande numero de cristãos, que no mais religioso preito a acompanharam com muita devoção em todo o itenerario, costumado.

A's borlas dos estandartes e ás lanternas seguraram alguns dos mais distintos vimaranenses, levando a sagrada Reliquia do Santo Lenho o Excelentissimo Prelado da Diocese.

DR. LEONARDO DE CASTRO

Foi convidado para pregar o sermão de Nossa Senhora da Oliveira este eminente orador sagrado que aceitou o convite.

CIRCULO C. DE OPERARIOS

Conforme foi noticiado, realisou-se, no preterito dia 10, a conferencia que, a convite da ilustre direcção do Circulo Catolico, veio realisar o distinto jornalista e director do nosso presado colega de Lisboa «*a Epoca*», sr. Conselheiro Ferrando de Sonza (*Nemo*).

Presidiu o sr. Conego Vasconcelos, secretariado pelos srs. Luiz Martins de Menezes (Margaride e Barbosa de Oliveira.

Fazendo a apresentação do orador o sr. Conego Vasconcelos exalça a acção de *Nemo*, como publicista, como orador e como jornalista. Refere-se á combatividade de *a Epoca* em prol da recristianisação da Raça e ao esforço de *Nemo* nesse glorioso e invencivel reduto.

Nemo, usando da palavra, refere-se ás nobres tradições da nossa terra. Analisa, em seguida, a chamada *questão social* que tanto preocupa os espiritos. Cita passagens do Evangelho e da *Rerun Novarum* e vai desfiando uma por uma as monstruosidades do liberalismo e da sua economia, do comunismo e socialismo.

Referindo-se á obra do liberalismo aponta-a como a maior desorganisadora da produção que trouxe, como consequencia, a luta das classes. Analisando o comunismo e socialismo aponta-os, por uma forma concreta, como a maior das utopias do nosso século.

A distinta Assembleia que enchia por completo o vasto salão da Creche de S. Francisco, tributou, no final, ao distinto orador uma justa e prolongada ovação.

Secção de Sport

FOOT-BALL

No passado domingo ás 12,30, jogou o União S. Club, desta cidade, com o Grupo dos Sapadôres dos Caminhos de Ferro, de Santo Tirso, vencendo este por 7-0.

A's 13,30 jogou o Vitória S. Club contra o Progresso S. Club, do Porto, ficando vencedor o primeiro por 7-0.

"Gil Vicente,,

Para regularisação dos serviços na tipografia onde é impresso o nosso jornal, não se publicará na proxima semana o «Gil Vicente».

Tambem pelo mesmo motivo sai este numero com algum atraso, o que tambem tem acontecido com os ultimos já publicados, do que pedimos muita desculpa aos nossos presados assinantes e colaboradores, esperançados de, dentro em breve, podermos remediar este inconveniente.

Lusitania
PAPELARIA—TIPOGRAFIA
Gravador Molarinho 47

Ex.mo Snr.